

CIÊNCIA, ATIVIDADE COLETIVA

Parasitologista reconhecido internacionalmente, Erney Plessmann de Camargo reergueu instituições científicas e sempre mostrou preocupação com as questões sociais

Danilo Albergaria

O parasitologista Erney Plessmann de Camargo pensava o papel do pesquisador para além das contribuições científicas. Para ele, o cientista tinha uma função social que não poderia se resumir ao cultivo da própria carreira – a ciência deveria ser uma atividade coletiva e visar o bem de todos. “Erney não foi só um grande cientista”, diz a biomédica Helena Nader, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), atual presidente da Academia Brasileira de Ciências. “Ele tinha uma preocupação com a formação de recursos humanos para a ciência e para que a ciência pudesse melhorar as condições de vida das pessoas.” Pesquisador com atuação relevante no combate à malária e à doença de Chagas, Camargo morreu aos 87 anos em 3 de março em São Paulo, em consequência de complicações de uma cirurgia na coluna.

Natural de Campinas (SP), quando ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), em 1953, Camargo era um jovem de esquerda, de origem modesta, em um meio

dominado pela elite econômica e intelectual do estado. Logo, encontrou outros estudantes e professores com quem se identificou no Departamento de Parasitologia, chefiado por Samuel Pessoa (1898-1976). Comunista militante, Pessoa era catedrático desde 1931.

Camargo formou-se em 1959 e foi contratado como auxiliar de ensino na FM-USP em 1961. No ano seguinte, começou a pesquisar o crescimento e a diferenciação celular de *Trypanosoma cruzi*, causador da doença de Chagas. Para entender a bioquímica do protozoário era preciso grande quantidade deles, mas os meios de cultivo eram muito ineficientes. “Não dava para fazer com uma ninharia de *T. cruzi*”, contou a *Pesquisa FAPESP*, em 2013 (edição nº 204). Depois de muitas combinações diferentes de ingredientes, obteve o meio de cultura ideal. Os resultados foram publicados em 1964 em um artigo que virou referência e é citado até hoje.

No mesmo ano veio o golpe militar e, com ele, a instauração de um inquérito policial militar (IPM) na FM-USP,

na avenida Dr. Arnaldo, em São Paulo, com anuência da direção da faculdade. Denúncias internas orientavam interrogatórios de seus principais alvos – entre eles, os pesquisadores da parasitologia. Segundo Camargo, a visão social dos membros daquele grupo era a causa dos problemas. “Mais do que a política, foi o envolvimento do departamento no combate às endemias brasileiras que lhe deu a fama de comunista, uma vez que o combate a essas endemias envolvia a denúncia da pobreza e das precárias condições sanitárias da população”, relatou à Comissão da Verdade da USP em 2015, no volume sobre a FM.

Logo após o IPM, começaram as demissões e Camargo foi um dos atingidos. Ainda em 1964, o zoólogo norte-americano Walter S. Plaut (1923-1990), de passagem pelo Brasil, convidou o pesquisador para trabalhar na Universidade de Wisconsin em Madison, nos Estados Unidos. Camargo, casado com a professora de literatura inglesa Marisis Aranha Camargo e com filhos, aceitou. Em 1968, o governo promoveu um programa de



O pesquisador em 2013:
múltiplas competências

repatriação de cientistas e ele foi convidado a voltar. A opção foi pela FM-USP, *campus* de Ribeirão Preto, onde defendeu sua tese de doutorado. Pouco tempo depois, foi demitido novamente em razão do recrudescimento da repressão política.

Depois de um período editando fascículos para a Editora Abril e trabalhando em um laboratório de análises clínicas, foi contratado em 1970 pela Escola Paulista de Medicina (EPM), atual Unifesp. Ao longo dos 15 anos em que atuou na EPM, ajudou a transformar a instituição em uma referência na área e a constituir a pós-graduação do Departamento de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia.

O retorno para a USP ocorreu durante a redemocratização. Ele voltou, como professor titular, ao Departamento de Parasitologia com a tarefa de reconstruí-lo. O imunologista Osvaldo Augusto Sant'Anna, do Instituto Butantan, esteve

na cerimônia de posse de Camargo, em 1986. Segundo ele, o acontecimento teve uma profunda dimensão simbólica: “Foi memorável e emocionante. Ali estava o representante de um departamento excepcional, que havia sido desmontado pela ditadura, voltando para assumir a cátedra de Samuel Pessoa”.

Camargo liderou a reconstrução do departamento, realocado da FM para o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), e foi pró-reitor de Pesquisa entre 1988 e 1993. “Ele sabia estimular os estudantes de graduação e pós-graduação e harmonizar os diferentes cientistas nos grupos que organizou”, diz Rubens Belfort Junior, professor do Departamento de Oftalmologia da Unifesp. Ele exalta o sucesso de Camargo na Unifesp, USP e ao liderar outras instituições.

O parasitologista dirigiu o Instituto Butantan (2002 e 2003) e presidiu o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq (2003 a 2007). “Foi uma das melhores gestões que o CNPq teve”, avalia Nader. Presidente da FAPESP de 2002 a 2007, Carlos Vogt elogia a eficiência com que Camargo promoveu ações entre o CNPq e as agências de fomento estaduais. Durante sua gestão, a agência federal estabeleceu e colocou as plataformas Lattes e Carlos Chagas on-line, importantes mecanismos de informação e integração de pesquisadores. “Em todas as ações administrativas, ele sempre se saiu com brilho. Tinha um senso de responsabilidade e criatividade institucional muito grande”, completa Vogt. O parasitologista presidiu, ainda, a Fundação Zerbini, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) e a Sociedade Brasileira de Protozoologia.

Mesmo nos cargos administrativos, Camargo nunca perdeu a pesquisa de vista. Com o parasitologista Luiz Hildebrando Pereira da Silva (1928-2014), ele formou uma destacada parceria no combate à malária na Amazônia, instalando postos avançados do ICB para pesquisa e enfrentamento da doença.

“Erney foi um incansável defensor da ciência, um cientista com visão social, um gestor que buscava inovar. Deixa um legado na ciência produzida, nos ensinamentos e diálogo com seus pares e alunos. Como aluno da EPM tive a honra de tê-lo como professor em minha graduação”, afirma Luiz Eugênio Mello, diretor científico da FAPESP. De acordo com Marco Antonio Zago, presidente da Fundação, o parasitologista era preocupado com os destinos da universidade e do país. “Aprendi muito com ele, em especial na transição entre a sua gestão e a minha como presidente do CNPq. Tive a honra de saudá-lo quando recebeu o título de professor emérito da USP em 2021”, contou Zago.

Desde 2021, Camargo era diretor-presidente da Fundação Conrado Wessel. Vogt, que o sucede, afirma que ele conseguiu recuperar a FCW de uma situação crítica. Belfort, que colaborou na recuperação da instituição, resume: “Pessoas como ele deixam sementes. Em todos os lugares pelos quais passou, gerou grupos que seguem os mesmos ideais”. Camargo deixa a esposa, os filhos Marcelo, Fernando, Eduardo e Anamaria – todos cientistas – e 11 netos. ■